

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS COM BASE NA ANÁLISE SEMIÓTICA DE CHARGES

Cellina Maria Gazzoni Sabino¹

Maria Madalena Covre da Silva Macedo²

Resumo

Os gêneros textuais servem à linguagem e à interação humana em situações sociocomunicativas. Este trabalho destina-se a analisar charges, sob uma perspectiva da semiótica de linha francesa. A escolha desse gênero se deu pelo fato de a charge apresentar um alto grau de criticidade e por se relacionar a temas mais atuais de ordem política, econômica e social, o que pode contribuir para uma visão mais analítica dos problemas da sociedade e possibilitar processos educativos que tenham como objetivo o desenvolvimento dos educandos para os direitos humanos. Tais processos devem se pautar por uma reflexão sobre os sujeitos e sobre sua formação humanística, visando à participação democrática dos indivíduos. Este trabalho se desenvolve sob as orientações de teóricos como: Barros, Fiorin, Freire, Marques, Orlandi, Bittar e Assunção.

Palavras-chave: Charge. Semiótica discursiva. Educação em direitos humanos. Cidadania.

Abstract

Textual genres serve language and human interaction in socio-communicative situations. This work aims to analyze cartoons, from a French line semiotics perspective. The choice of this genre was because the cartoon has a high degree of criticality and because it is related to more current political, economic and social issues. What affects the educational processes and, consequently, the students an analytical view of the problems of society. This study aims to enable a dimension that favors human rights education. Based on a reflection on the subjects and on a humanist formation that aims at the democratic participation of individuals. This work, therefore, is developed under the guidance of theorists such as Barros, Fiorin, Freire, Marques, Orlandi, Bittar and Assunção.

Keywords: Charge. Discursive semiotics. Human rights education.

Citizenship. Introdução

Os gêneros textuais estão presentes nas mais diversas situações sociocomunicativas, materializando a linguagem e servindo à interação humana. Este trabalho tem como objetivo a conscientização de uma educação em direitos humanos a partir de análises de duas charges, sob a

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras-Português, do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, *campus* Vitória. E-mail para contato: cellinamaria@gmail.com.

² Professora doutora do curso de Licenciatura em Letras-Português, do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, *campus* Vitória. E-mail para contato: madalena@ifes.edu.br.

perspectiva da semiótica de linha francesa. Logo, alguns pontos dessa teoria serão apresentados com vistas a entender como se dá o atravessamento do percurso gerativo de sentido, na busca pelo modo como se constroem os efeitos de sentido presentes nas charges selecionadas e, com base nisso, verificar a produtividade das análises semióticas do gênero charge para a educação em direitos humanos.

A charge possui origem francesa, sendo fortemente reconhecida por sua composição de linguagem mista, ou seja, convergem para a produção de sentido desse gênero a linguagem verbal e a linguagem não verbal. Suas temáticas tratam dos assuntos mais atuais da sociedade, fazendo uma crítica à situação, que pode ser de ordem política, econômica ou social, por meio do uso inteligente do humor, da ironia, ou de outras figuras de linguagem, da intertextualidade, da caricatura, da representação artística e gráfica das personagens que estão relacionadas a algum assunto amplamente discutido na sociedade.

A sua alta e contundente carga crítica sobre assuntos da sociedade, com a utilização provocativa do humor, faz da charge um importante gênero a ser trabalhado em sala de aula, pela potencialidade de desenvolver nos educandos uma melhor compreensão sobre a conjuntura social, política e econômica do país. Logo, é um instrumento imprescindível a uma educação que busque formar sujeitos reflexivos, que valorizem o respeito, a igualdade, a liberdade, a vida, a dignidade da pessoa humana, enfim, uma educação para os direitos humanos.

Desde o advento do capitalismo, a exploração dos menos favorecidos se mostra um fenômeno recorrente e ainda mais consolidado. Com todas as mazelas que afligem a sociedade, tais como o desrespeito, a violência e a intolerância, comprova-se a necessidade de uma educação integral, como forma de reduzir as ignorâncias e, conseqüentemente, melhorar as relações humanas e sociais.

As charges analisadas são do chargista Nando Motta, retiradas de sua página pessoal na rede social conhecida como *Instagram*. O chargista, que é também ator e músico, publica com frequência no *site* Brasil 247. Seus trabalhos carregam um alto grau de crítica social e política; o próprio artista se apresenta como um defensor da justiça social, crendo em dias melhores e em uma sociedade mais democrática. E faz dessa perspectiva sua meta de vida, utilizando a charge como uma forma de manifesto. Seus trabalhos são facilmente encontrados na rede de computadores.

Para este trabalho, buscaram-se as concepções da semiótica francesa (BARROS, 2001 e 2005), em especial do nível do discurso, com orientações sobre formações ideológicas e discursivas (FIORIN, 2003), bem como os elementos do percurso gerativo de sentido (FIORIN, 2000). Sobre as charges, seguem-se as concepções de MARQUES (2011), atrelando sua importância interpretativa para as pedagogias de FREIRE (1967, 1987 e 1996). E assim o intuito é advogar em prol da necessidade de uma educação em direitos humanos, segundo os postulados de ORLANDI (2007), de BITTAR (2014) e de ASSUNÇÃO (2014).

1 A urgência de uma educação em Direitos Humanos

O sistema educacional no Brasil, desde sua fundação, apresenta problemas estruturais que refletem na qualidade da educação ofertada, principalmente para os educandos das classes sociais mais desfavorecidas social e economicamente. Como resultado, criam-se problemas de diversas ordens, como a violência. Um caminho possível para a reconstrução de uma sociedade menos violenta é a educação em direitos humanos, com o fortalecimento da autonomia dos indivíduos por meio da valorização da pessoa humana, bem como de sua dignidade. Isso incide na ampliação do exercício da cidadania, elemento constitutivo da democracia; Candau fala sobre um processo de “empoderamento” por meio do conhecimento de direitos, que é fruto da educação em direitos humanos (CANDAU, 2007, p.404). Por sua vez, Singer enfatiza que a luta pelos direitos sociais, como a cidadania, é uma luta que vai contra a hegemonia neoliberal (SINGER, 2012, p.260). Corroborando esse entendimento, Candau diz ainda que:

[...] no meio de tensões, contradições e conflitos, caminhos de afirmação de uma cultura dos Direitos Humanos, que penetre todas as práticas sociais e seja capaz de favorecer processos de democratização, de articular a afirmação dos direitos fundamentais de cada pessoa e grupo sócio-cultural, de modo especial os direitos sociais e econômicos, com o reconhecimento dos direitos à diferença (CANDAU, 2007. p.399).

Assim, uma educação em direitos humanos tem como objetivo a formação humanística dos educandos, sempre utilizando como instrumentos formas de sensibilização e de humanização. Por ter como fim a plenitude do ser humano, o que se pretende é uma educação que afaste a opressão característica de qualquer cultura, resultado das constantes e evidentes desigualdades dos sujeitos oprimidos. Nas palavras de Freire: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à

discussão criadora, sob pena de ser uma farsa (FREIRE, 1967, p.97)”.

Investir no desenvolvimento desse tipo de educação significa a busca da compreensão e de debates sobre as mazelas do mundo, como a miséria, os conflitos, o desrespeito, a discriminação, a intolerância, os grandes problemas ambientais, entendimento corroborado por Freire:

Constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização.

Ambas, na raiz de sua inclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.

Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (FREIRE, 1987, p.30).

Se a humanização é uma vocação negada, mas afirmada no “anseio de liberdade, de justiça, de luta...”, ampliar e fortalecer a educação em direitos humanos é essencial. Quando reiteradas e sistematicamente aplicadas as propostas de uma educação em direitos humanos, afasta-se a possibilidade de uma educação bancária, termo estabelecido por Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, de 1987. Nesse tipo de educação, o que há são modelos educacionais arcaicos, que visam à simples e acrítica memorização da técnica para execução de um trabalho; as formas são, portanto, mecânicas e pouco contestadoras.

Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”. Este não pode ser, obviamente, o objetivo dos opressores. Daí que a “educação bancária”, que a eles serve, jamais possa orientar-se no sentido da conscientização dos educandos (FREIRE, 1987, p.39).

Tendo como objetivo o ser humano e toda a gama de direitos que garantam sua plenitude e satisfação, a educação em direitos humanos trata de assuntos que versam sobre a convivência pacífica, a fraternidade e a coletividade. Sua base se encontra em conceitos e valores da ética e em princípios naturais dos homens, tais como a liberdade, a igualdade, a felicidade, dentre outros.

A escola, como lugar por excelência da ampliação de horizontes cognitivos, deve debater sobre as diversas percepções e críticas sobre a vida em sociedade, sempre com vistas às melhorias e às transformações sociais necessárias para uma vida mais completa e digna. Os educandos, por meio da escola, podem se aprofundar em sua autocompreensão e, conseqüentemente, no poder de sua autonomia e de sua emancipação. Devem ser agentes da ação social, das mudanças necessárias, isso por conhecerem, mais apropriadamente, seus direitos e deveres. Conhecer direitos e deveres pode levar à ruptura da ordem social prévia e opressivamente imposta. Isso enseja uma libertação que faz com que os sujeitos notem, mais sensivelmente, a sociedade bem como seus problemas. Desse olhar mais profundo e apurado, reconhecem as diferenças que inferiorizam, que incitam as desigualdades sociais, entendendo que é preciso desafiar as condições pré-existentes, não se conformar às realidades impostas. Bittar defende que:

Mas, se a intenção for a de pesquisar a mais apropriada concepção de educação para os direitos humanos, deve-se desde logo dizer que educar só tem sentido enquanto preparação para o desafiar. Uma educação que não seja desafiadora, que não se proponha a formar iniciativas, que não prepare para a mobilização, que não instrumente a mudança, que não seja emancipatória, é mera fábrica de repetição das formas de ação já conhecidas. Educação é, por essência, incitação à formulação de experiência, em prol da diferenciação, da recriação, do colorido da diversidade criativa. A partir da educação deve-se ser capaz de ousar (BITTAR, 2014, p.69).

A educação, portanto, apresenta-se como o caminho que pode efetivamente promover transformações contundentes e eficientes de mentalidade, de sociedade e de cultura. Essas transformações são imprescindíveis para a justiça social, para a democracia e para dignidade. Os indivíduos passam a entender suas ações como agentes de direitos, com consciência coletiva e com autonomia.

O discurso dos Direitos Humanos é universalizante (mundializante?). Podemos assim reconhecer que a educação tem um papel importante nisso. Ela poderia ser uma prática que levasse a reconhecer no outro homem o que somos, sendo diferentes. Desse modo, como prática social, resultaria que o universalismo não é natural, mas construído historicamente, como a educação sendo parte do processo de historicização (ORLANDI, 2007, p.308).

Orlandi indica que a educação é o instrumento que favorece o desenvolvimento de uma visão crítica e menos conformista do mundo, que vai contra a perpetuação do *status quo* promovido pelas classes hegemônicas.

Dessa forma, como despertar e desenvolver a vocação humana para a humanização dos educandos? Entre tantas propostas viáveis, apresenta-se neste artigo a leitura da charge, da qual se extrairiam elementos importantes para esse despertar e desenvolver-se para os valores que humanizam.

2 O discurso chárstico

Os gêneros textuais estão inseridos em contextos sociais e culturais que resultam de processo de interação que dinamizam ações sociocomunicativas. Sob a tutela dessa perspectiva, os gêneros textuais se materializam nas diversas construções interacionais, que socialmente reproduzem, ou representam, práticas sociais culturalmente institucionalizadas, que evidenciam as mais diversas atividades humanas, das mais diversas ordens. Por esse entendimento, os gêneros textuais não podem ser desassociados das práticas sociais, pois se constituem na materialidade da linguagem, atitudes cognitivas e discursivas. Desse modo, Marcushi (2011, p.18) define que os gêneros textuais são “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem”.

O trecho abaixo, da Base Nacional Curricular Comum, privilegia a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos diversos como forma de ampliar o conhecimento e a participação dos alunos em vários setores da vida:

Cabe ao Ensino Médio aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos.

Do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor), já explorada no Ensino Fundamental (BNCC, 2018, p.498).

O aprofundamento e a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos não se fazem sem a noção de gênero textual/discursivo. Com uma variedade imensa de gêneros conformando (e sendo conformado pela) a interação social, é preciso selecionar aqueles que atendem mais os

objetivos a serem alcançados. A definição de charge adiante vai mostrar que esse gênero atende bem ao propósito de uma educação para os direitos humanos.

Em termos etimológicos, é importante destacar que charge é uma palavra de origem francesa, *charger*, e que seus significados indicam a propensão ao exagero. Desse modo, aos fatos sociais são conferidos uma escala de máxima grandeza do absurdo, hiperbolizando a crítica necessária a esses acontecimentos; o chargista molda a linguagem, que é sincrética, ao interesse do que pretende enunciar, à sua intencionalidade, com vistas à construção de efeitos de sentidos a serem captados por quem lê o seu texto. É necessário caracterizar, assim, alguns pontos essenciais do discurso chárstico. Devido à robusta dose de crítica social e política, o discurso chárstico é reconhecido por seu forte apelo ideológico, utilizando para isso a integração das linguagens verbal e não-verbal.

O desenho, via de regra, apresenta uma caricatura, que se caracteriza pelo exagero de formas e de feições. Marques (2011, p.189) aclara que, em razão da imagem caricaturesca, muitas pessoas confundem a charge com a própria ideia de caricatura, tratando-as como termos sinônimos, porém não são.

Marques (2011, p.189) apresenta também uma série de dados e elementos históricos sobre o uso da charge no Brasil. A autora afirma que desde o início do século XIX as charges são utilizadas para a crítica da situação do país, partindo sempre de uma posição contrária aos desígnios do governo, um instrumento de oposição. Em razão disso, são notados diversos momentos de censura e repressão das autoridades ao conteúdo das charges e aos posicionamentos políticos dos chargistas. Contudo, dada a sua popularidade e sua massiva divulgação, a charge continua a ser publicada em jornais de grande circulação. As charges são textos de grande circulação social, por serem geralmente publicadas e veiculadas em jornais, em revistas e, com a advento da *internet*, em redes sociais.

As notícias que estão em maior ebulição se conectam e dialogam nas charges. Para o fim de sua compreensão e interpretação, é necessário que o leitor tenha o conhecimento de mundo exigido para a assimilação da crítica implícita, logo ele deve estar atento à situação social e política do país e do mundo. Reitera-se que para a interpretação da charge devem convergir

conhecimentos de linguagem e conhecimentos factuais/de mundo. Esses conhecimentos se mostram ainda mais necessários nos conteúdos aprendidos na escola, pois há uma crise valorativa da sociedade e existem, ainda, as ideologias das classes hegemônicas que atendem a perpetuação das relações de poder estabelecidas, visando à continuação da exploração e da opressão dos desfavorecidos.

O papel do ensino básico, quando de fato emancipador, é formar indivíduos capazes de ler o mundo e compreender as diversas possibilidades interpretativas. Para que seja possível a compreensão das charges, a escola realiza o papel de ponte entre esses conhecimentos e a percepção reflexiva dos fatos sociais. Os sujeitos fazem, portanto, as conexões necessárias para a análise das charges, para tanto a formação dos sujeitos é crucial para uma perspectiva mais crítica e reflexiva de suas realidades cultural, social e histórica.

O fenômeno da intertextualidade também é notado na relação da charge com outros textos, apresentando ou não uma confluência de ideias, sempre com a disposição e intuito do humor e do cômico, haja vista que o elemento da graça, do riso, é parte integrante do gênero charge.

De organização icônica, a charge carece de um planejamento que evidencie e destaque todo e qualquer detalhe, todos motivados e justificados. Em sala de aula, há exigência de uma sequência didática que seja capaz de fazer com que os alunos articulem os fatos sociais com a compreensão das ideologias refletidas nas ações rotineiras de setores da sociedade, tais como a política e a economia. Tanto para interpretação quanto para as próprias autorias discentes de charges.

Ainda na busca de melhores interpretações das charges, as informações sobre o jornal, ou mídia, onde as charges são publicadas também contribuem para o entendimento de seus objetivos, como saber a linha editorial do jornal, traçando assim um perfil editorial, sem esquecer jamais que a própria publicação de uma charge ajuda a construir a linha ideológica de uma mídia. Desse modo, o leitor já tem uma noção do conteúdo da charge e do alvo da crítica, resultado de formações discursivas e ideológicas que se perpassam, corroborando uma possível linha interpretativa. Há, portanto, um direcionamento de sentidos e efeitos discursivos, a semiótica novamente agindo na assimilação dos significados. A prática social da leitura das charges é

norteada por uma relação dialógica entre enunciador e enunciatário.

As charges ganham uma maior dimensão em termos de inserção social com o advento das redes sociais, em que se abriu mais um leque de possibilidades no que toca à difusão delas para o grande público, que é usuário das diversas redes sociais. No caso específico deste trabalho, as duas charges selecionadas foram retiradas da página pessoal do *Instagram* do chargista Nando Motta, que tem suas obras publicadas também no jornal *online* Brasil 247. Sobre a utilização das redes sociais para divulgação de suas produções artísticas, Motta, em entrevista à Revista *Rolling Stones*, em 22 de julho de 2020, posiciona-se de tal forma:

Elas [*charges*] conseguem transmitir informações complexas de uma maneira mais sintética e bem humorada ou, às vezes, mais reflexiva. De todo modo, é aquela máxima: 'Quer que eu desenhe?' Essa linguagem do desenho e da ilustração se conecta com o inconsciente coletivo de uma maneira muito potente [...].

Comecei lá atrás fazendo charge e postando no meu *Facebook*, no *Instagram* e eventualmente eu mandava para o site *Brasil 247*.

Garanto que a penetração das charges via redes sociais é infinitamente maior [*do que no meio físico*], porque elas vão por todas as mídias. É *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*... Então, isso facilita muito [...], às vezes fazemos charges que ganham o mundo, literalmente. É uma abrangência que a mídia impressa não consegue ter [...].

Portanto, a atividade de leitura e interpretação da charge é muito complexa, pois envolve diferentes tipos de conhecimentos, ao mesmo tempo em que exige muita informação de jornais, revistas ou redes sociais sobre os acontecimentos recentes de um país ou do mundo. Para os educandos, principalmente os jovens, o contato com redes sociais é ainda mais próximo, pois a *internet* está diretamente ligada ao seu cotidiano, assim, dado o caráter sintético da charge e seu tom humorístico, como disse Nando Motta, é destacada a forma como esse texto muito bem se adaptou à linguagem das redes sociais, sendo, portanto, de fácil acesso pelos estudantes.

3 A semiótica francesa

A semiótica de linha francesa, que tem como teórico principal Greimas, preocupa-se em estudar a construção dos sentidos buscando as estratégias discursivas presentes nos textos. A charge se mostra um texto especialmente complexo por ser considerado sincrético, ou seja, o verbal e o visual convergem para a unidade de sentido.

Para a semiótica discursiva, há um percurso gerativo de sentido de três etapas ou níveis. O nível fundamental (1), que articula oposições semânticas mínimas, contendo boa carga de abstração. O nível narrativo (2), que articula a relação dos sujeitos com os objetos e seus valores. E o nível do discurso (3), com a concretização da enunciação, o enunciado, e com o próprio processo de enunciação.

Com essas noções, o que se busca compreender são as estratégias de construção de efeitos de sentido. Compreendendo as estratégias, chega-se a um bom nível de interpretação do texto. Assim, a semiótica francesa, quando aplicada na análise de charges, ajuda a verificar o seu modo de composição sincrética e suas relações sociocomunicativas, o que propicia a reflexão sobre aspectos que dizem respeito à cultura e à identidade de uma sociedade.

Não se pode desconhecer que as formações discursivas, que são perpassadas pelas formações ideológicas, refletem os posicionamentos das classes dominantes, que determinam, por meio da linguagem e, mais precisamente, dos discursos concepções de mundo que são assimiladas pelos indivíduos. Para Fiorin (2003, p.32) “a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é o conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo [...] como a ideologia dominante é a da classe dominante, o discurso dominante é o da classe dominante”.

A formação de leitores críticos é imprescindível para a educação que tem como objetivo o desenvolvimento integral dos sujeitos, com uma consistente conscientização para o exercício pleno da cidadania. O percurso gerativo de sentido apresenta etapas que são essenciais para as interpretações. Fiorin (2000, p.17) diz que “O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo”. Quando se trabalha um texto em sala de aula, é preciso ter a consciência de que há nele “mecanismos implícitos de estruturação e de interpretação” (Fiorin, 2011, p.10), os quais devem ser trabalhados com os alunos, a fim de dotá-los de uma capacidade cada vez maior de conhecimento e compreensão desses mecanismos.

4 Análise semiótica das charges selecionadas

Esta seção se destina à análise das charges selecionadas, as duas retiradas do *Instagram* do artista Nando Motta. Suas charges são conhecidas por seu alto grau de crítica social e, em razão da pandemia, suas redes sociais ganharam destaque nos últimos tempos. As análises vão privilegiar um dos níveis do percurso gerativo de sentido, o terceiro, que é o nível discursivo, o mais concreto dos três.

As charges analisadas têm como tema a pandemia da Covid-19, que aflige o Brasil e o mundo desde o fim de 2019. Em razão da recente mutação do vírus e da incerteza, pelos estudos inconclusivos sobre a forma como esse vírus ataca o organismo, o mundo científico e os órgãos internacionais de saúde, tais como a OMS (Organização Mundial da Saúde), aconselham as pessoas a ficarem em casa como forma de evitar a contaminação.

Porém o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, por incontáveis vezes manifestou sua discordância com esses órgãos competentes, questionando a eficácia dessas recomendações e indo contra as determinações técnicas e científicas. Por esses posicionamentos do presidente da República, muitos brasileiros que o seguem desrespeitam as orientações de isolamento social e participam de aglomerações e até mesmo promovem em suas redes sociais campanhas contra a vacinação. Houve, por exemplo, quem insistisse em festejar o carnaval de 2021.

Em se tratando de vacinação, o presidente reiteradas vezes pronunciou-se contra a vacina por alegar que a porcentagem de eficácia de proteção não é cem por cento segura, chegando a dizer, no dia 17 de dezembro de 2020, que as pessoas que tomarem a vacina do Laboratório Pfizer podem virar jacarés.

Por fim, como a situação da pandemia não tem uma data determinada para ser encerrada, os brasileiros enfrentam os problemas e as perdas decorrentes da Covid-19 sem uma figura central do Poder Executivo Federal que se mostra comprometida e solidarizada com as necessidades da população.

4.1 Charge 1



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CJoh7ZRp9Hl/?igshid=bzxukyebv2pf>. Publicada em: 04/01/2021.

Nesta charge é possível notar três quadros com caricaturas que refletem sobre as situações que podem potencializar a disseminação do Coronavírus, que geralmente podem ser identificadas com momentos em que as pessoas estão fora de casa. Essa charge foi retirada da página de Nando Motta, no *Instagram*, postada em 04 de janeiro de 2021, com a seguinte legenda: “Sobre ficar em casa”.

O terceiro nível do percurso gerativo de sentido é composto por uma sintaxe discursiva e por uma semântica discursiva. Na semântica, estudam-se as relações entre os elementos abstratos e os concretos de um texto. Assim, o texto pode ser compreendido como temático, quando as abstrações se fazem mais presentes, logo de aspecto mais conceitual. Os temas, assim, estão mais evidentes, necessitando, por vezes, de um revestimento semântico com exemplos e elementos mais concretos. Barros esclarece que “tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percurso [...] construído pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente (BARROS, 2005, p.66).

Como contraponto, os textos figurativos consolidam-se na concretude de figuras que

possuem uma relação com o mundo factual; Barros diz que as “figuras de conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial (BARROS, 2005, p.69). Todo texto possui aspectos temáticos e figurativos, mas um desses dois pontos predomina. Por fim, a retomada de temas e figuras, por processos de reiteração, é essencial para a coerência textual e, em razão disso, é possível identificar o fenômeno das isotopias, ou seja, a recorrência desses aspectos, com isso o texto se mostra mais coerente, e a interpretação deve se basear nessas recorrências.

Desse modo, nota-se que esse texto é predominantemente figurativo, pois tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal representam elementos concretos do mundo natural ou cultural. O uso da caricatura, na charge, serve para reiterar imagens concretas de fatos que são percebidos no contexto social em que a charge está inserida, ou seja, fatos que são corriqueiros em uma sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que recobrem as abstrações do percurso temático.

Na charge em análise, percebe-se a recorrência de figuras em três cenas que fazem parte da vida cotidiana dos brasileiros, na atual situação de pandemia. Ainda é possível destacar a isotopia, na imagem dos pontos verdes, representando o Coronavírus, e a repetição do termo “ficar em casa”, como também a reiteração da necessidade do isolamento e da importância do ambiente “casa”.

Ao se analisar a primeira parte da charge, sob os dizeres “ Tem gente que pode ficar em casa, mas não quer”, tem-se a caracterização de um ambiente de penumbra, com pouca luz, dada a mescla de tons roxos e bege, em que são perceptíveis apenas as silhuetas das pessoas com braços levantados, próximas, trocando beijos e com bocas abertas, configurando uma multidão que participa de uma festa. Essas imagens concretas remetem à alegria, à descontração, ao relaxamento, que são abstratos, são temas. Entretanto, o ambiente de penumbra construído ao fundo e os pontos verdes (Coronavírus) comprometem esses temas ligados à alegria, destacando outro tema, o da insegurança, o da inconsequência. Esse percurso temático está reforçado por um percurso figurativo composto por isotopias que o comprovam. Além dos pontos verdes que

indicam que muitos micro-organismo circulam na festa, chamada, ironicamente, de “Coronafest”, o *Dj* é a caricatura do próprio agente infeccioso da Covid-19, que utiliza até os acessórios de *Dj*'s, tais como os óculos escuros e *headfones*, com o braço direito levantado e o dedo em riste, como se estivesse animando o público.

Na segunda divisão, com a frase “Gente que queria ficar em casa, mas não pode”, há um cenário azul com ambulâncias e bicicletas – que sugere movimento, típico do mundo laboral. As pessoas que estão representadas são profissionais que necessitam sair de casa, pois atuam na linha de frente no enfrentamento da Covid-19, ou em serviços essenciais para organização da vida cotidiana. Elas utilizam máscaras, que representam ações mínimas de proteção para quem precisa sair de casa. A frase é clara, são pessoas que prefeririam ficar em casa se protegendo de uma possível contaminação, mas que em decorrência de suas ocupações profissionais não podem deixar seus locais de trabalho. Logo, os profissionais representados são médicos, assistentes sociais, varredores de rua, os profissionais da coleta de lixo, profissionais da segurança pública, os carteiros e os entregadores de aplicativos, que por causa da pandemia viram na possibilidade de fazer entrega uma forma de subsistência, haja vista o grande número de pessoas que perderam o emprego em razão da quarentena da pandemia. Também, faz-se presente nesta cena os pontos em verde, que seriam a representação do Coronavírus.

Por fim, no último quadro aparece a frase “e gente que nem tem casa pra ficar”; no espaço está a imagem de um morador em situação de rua, que dorme em cima de papelões e utiliza um velho e remendado cobertor para se proteger da noite, já que os tons que predominam neste quadro são cinzentos, indicando que a situação se passa em uma noite fria, e o cinza traz a ideia de tristeza

(tema). Como nas demais cenas, os pontos em verde novamente se apresentam, ou seja, o vírus da Covid-19 circula sempre durante a pandemia, em qualquer lugar, em qualquer hora ou situação, podendo afetar qualquer pessoa. Essa descrição indica não só a ausência total de proteção contra a Covid-19, mas também a falta de condições básicas de vida, pois o Estado não se faz presente.

Muitas oposições se notam na charge: caricaturas diferentes, que indicam cenas sociais diferentes, assim como no termo, “mas não quer”, do primeiro quadro, indicando que as pessoas

ali representadas têm a liberdade de escolher ficar em casa, mas preferem se expor ao vírus. Outra expressão que traz a ideia de oposição é o “mas não pode”, como referência aos profissionais que, mesmo sabendo do risco de contaminação, no exercício e no comprometimento de sua profissão, precisam continuar frequentando seus ambientes de trabalho. No terceiro quadro, a oposição se mostra no termo “nem tem casa pra ficar”, destacando, assim, a situação precária dos moradores em situação de rua, que nem tem uma casa para poder morar e se proteger o mínimo possível da Covid-19.

Os três quadros instauram uma oposição espacial, demarcada pelas oposições destacadas acima. Com o tempo presente instaurado nas três cenas, a charge coloca em paralelo três situações opostas, todas acontecendo no tempo do agora, da pandemia. No primeiro quadro, pode-se afirmar que são pessoas sem comprometimento sanitário e social, que não se importam com a contaminação delas mesmas nem de outras pessoas com que se relacionam, assim é questionada a própria formação ideológica dessas pessoas. Já no segundo, com os profissionais, o que fica evidente é a ética profissional. No terceiro, tem-se o drama das pessoas que não possuem casa e estão à mercê de qualquer coisa que possa ocorrer nas ruas. O sujeito enunciativo da charge utiliza da linguagem para convencer e conscientizar seus leitores sobre os perigos da desobediência do isolamento social e das medidas sanitárias básicas, além de despertar para a difícil situação das pessoas que não têm casas para morar.

Finalmente, é evidente a crítica social explícita sobre o desrespeito ao isolamento social e a necessidade social de melhor atender e proteger os moradores em situação de rua. Uma crítica social feita com as estratégias discursivas evidenciadas na análise, postas em discurso pelo sujeito da enunciação. Nas palavras de Barros:

Enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis de destinador e de destinatário do discurso. O enunciador define-se como o destinador-manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer. A manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer interpretativo e a ação subsequente. Tanto a persuasão do enunciador quanto a interpretação do enunciatário se realizam no e pelo discurso (BARROS, 2005, p.60).

Sobre as pessoas da enunciação, tem-se um enunciador em 3ª (terceira) pessoa, configurando a enunciação como enunciativa, em que se percebe um efeito de objetividade em

relação ao que é dito. Como a charge sustenta uma visão de respeito aos aconselhamentos da ciência no que tange ao isolamento social, essa estratégia é boa, pois usa de um recurso de linguagem análogo ao usado pelo discurso científico, que é o da objetividade, com o qual a ciência se enuncia, procurando distanciar-se do achismo individual do eu, da primeira pessoa.

4.2 Charge 2



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CLPOMRdJDas/>. Publicada em: 13/02/2021.

A charge acima é de autoria de Nando Motta e foi retirada da página da rede social *Instagram* do referido chargista. A charge apresenta três momentos relacionados aos carnavais, respectivamente, de 2020, 2021 e 2022. Foi postada no dia 13 de fevereiro de 2021, alguns dias antes do carnaval. Acompanhando a imagem, Nando Motta, o chargista, acrescentou uma legenda com a seguinte frase: “Tomara! ”. Ele faz referência a uma fala do presidente do Brasil, segundo o qual quem tomar a vacina da Covid-19 desenvolvida pelo Laboratório Pfizer se transformará em jacaré.

O primeiro momento é referente ao carnaval de 2020, conforme escrito no canto superior esquerdo. Na imagem, os mais variados tipos de pessoas que, em razão das fantasias, da

proximidade, das bocas abertas, dos beijos, da multidão, comemoram o carnaval. Destaca-se que há também o céu claro e bem azul, indicando bom tempo, imagem comumente utilizada como metáfora para um dia de alegria, em um cenário urbano, dados os prédios ao fundo. Ou seja, a multidão ali retratada é um reflexo do que costumeiramente é entendido como a forma de festejar o carnaval, com muita alegria, fantasias, músicas e, ocasionalmente, bebidas alcoólicas. Logo, no ano de 2020, o carnaval foi comemorado sem nenhum empecilho, da maneira mais normal e tradicional possível.

O carnaval normalmente é festejado no mês de fevereiro, salvo algumas exceções no mês de março. Por ser uma festa com data móvel, adequa-se ao calendário cristão católico que utiliza o carnaval como uma forma de manifestar sentimento que em seguida deverão ser reprimidos e contidos, com o objetivo de promover a penitência e o jejum dos fiéis durante os quarenta dias (conhecidos como Quaresma) que vem após a carnaval e antes da Páscoa, em uma tentativa de os fiéis fazerem memória dos quarenta dias em que Jesus perseverou no deserto. Dado esse histórico de origem cristã, que doutrinariamente segue os ensinamentos do Catolicismo, o carnaval é então conhecido como o momento de extravasar e exagerar para que nos quarenta dias seguintes haja a ponderação e a contenção. O carnaval também é conhecido por seu alto teor crítico quanto à política e a pessoas que exercem algum tipo de cargo de poder dentro de uma das esferas da organização estatal. É classicamente aceito que o carnaval é uma festa que alia o sagrado e o profano.

No segundo momento, que se refere ao ano de 2021, a paisagem urbana, que antes era apenas o cenário, passa a ter papel de destaque. Nesse desenho, o dia, na cidade, está cinzento. Os prédios se evidenciam, a cor cinza predomina, indicação de um dia triste, assim como o uso de formas geométricas retas, com a ideia de frieza. Há traços no desenho que indicam ventania; a vida se apresenta só com o verde das árvores e com os pássaros no céu. Assim, o carnaval em 2021 foi retratado como um dia atípico para a festividade, pois ele seria um dia triste, sem as pessoas nas ruas e sem a alegria contagiante do período carnavalesco. No terceiro e último momento, o carnaval de 2022. Cenário urbano, dia claro e as mesmas pessoas retratadas na cena do carnaval de 2020 estão na cena de 2022, mas com feições reptilianas, numa relação intertextual irônica com o que disse o atual presidente, garantindo o humor característico das charges.

O texto é predominantemente figurativo, como mostra a descrição feita até aqui. Sob as figuras há temas, que também já foram indicados. Mas é necessário destacar que:

Tanto para a interpretação quanto para a produção de textos figurativos, é necessário levar em conta que as figuras não possuem significado isoladamente: elas devem articular-se com coerência dentro de um mesmo percurso figurativo (FIORIN, 2011, p.152).

No sentido do que se lê em Fiorin, anteriormente se disse que o segundo quadro está cinzento, indicando tristeza. E de fato toda a situação gerada pela pandemia produz tristeza. Mas na charge o ambiente cinzento não é só tristeza por essa situação. É sobretudo isolamento, solidão, preservação, cuidado, contenção para continuar vivo e poder se alegrar no carnaval de 2022.

O tempo na charge em análise é um elemento fundamental. No passado está a memória do carnaval; no presente estão as condições para que haja no futuro outros carnavais. No agora a tristeza do isolamento, mas a esperança para a festa no ano seguinte. O “amanhã”, a comemoração em 2022, será resultado do isolamento e da vacinação. Todo discurso é heterogeneamente constituído, pois se opõe ou confirma outro discurso. Assim, nessa charge o enunciatário se opõe ao discurso presidencial, que renega a eficácia da vacina e do isolamento, colocando em risco a vida da população.

5 As charges em uma perspectiva interdisciplinar, como intensificadoras de uma educação em direitos humanos

Os gêneros textuais são determinados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), como conteúdos necessários à educação básica, sendo fundamentais para a formação intelectual e cidadã dos sujeitos, que assim podem “produzir e usufruir de bens culturais, sociais e econômicos” (PCN's, 1998, p.73). Na sala de aula, o professor pode desenvolver um trabalho mais dinâmico, bem como fomentar pesquisas e diálogos sobre o próprio exercício de produção dos diversos gêneros textuais. Contudo, é importante destacar que em relação aos conceitos e às definições da semiótica francesa - tais como enunciação, figurativização, tematização etc - não é necessário que o aluno os dominem, mas é realmente necessário que os professores tenham a semiótica, ou outra teoria de análise do discurso, como base para seu trabalho de análise e

produção de texto, para oportunizar ao aluno a percepção e compreensão das estratégias de manipulação e persuasão. Com isso, os alunos passam a refletir mais sobre as formas de construção de seus próprios textos, exercitando as mais variadas práticas discursivas, sempre visando à interação social e à utilização da linguagem para o exercício pleno da cidadania, resultando em uma formação humanística e democrática de fato.

Estimulando a pesquisa e a curiosidade sobre os conteúdos, as relações de confiança, respeito mútuo e cuidado entre professor e aluno, constrói-se a autonomia. Paulo Freire esclarece que a autonomia e a dignidade são imperativos éticos.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão (FREIRE, 1996, p.25).

De uma perspectiva geral, existe nas aprendizagens de Língua Portuguesa um enfoque maior no texto escrito, assim é possível notar uma valorização da linguagem verbal sobre a linguagem não-verbal. Como forma de inovação, o professor, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, pode desenvolver um trabalho mais profundo nos estudos das charges. Contudo, por ter mais conhecimento sobre os fatos da vida, a tendência é que os alunos do Ensino Médio possam perceber, com mais propriedade e facilidade, todas as nuances das charges, de seus discursos e, em decorrência disso, seus efeitos.

Por essa proposta de inovação, ainda é possível que o professor trabalhe em uma perspectiva interdisciplinar com seus alunos. As análises das charges se tornam ferramentas para compreender e ampliar os processos de interpretação textual e as construções de sentido orientadas pela semiótica francesa. Teixeira e Souza falam sobre o entendimento da unidade de expressão, em que se articulam os elementos visuais e verbais, para compreensão textual.

Assim, ao ter diante de si uma primeira página de jornal, o leitor percebe uma unidade de expressão entre texto verbal (diferentes tipos, cores e tamanhos de fontes) e texto visual (diferentes tamanhos, cores e composição da fotografia). Essa unidade de expressão se homologa aos conteúdos expressos pelo verbal no texto das manchetes, nos subtítulos, e visualmente nas figuras retratadas pelas fotografias e nos gráficos, desenhos e charges (TEIXEIRA e SOUZA, 2014, p.320).

Assim, o professor de Língua Portuguesa deve realizar um trabalho conjunto com disciplinas como Artes, Filosofia, História e Sociologia. Logo, abre-se mais uma possibilidade de trocas de conhecimentos que pode convergir para o enfrentamento das realidades impostas em uma sociedade capitalista.

Um exemplo disso seria a integração com disciplina de Arte: os alunos podem perceber como se dão as manifestações artísticas, que refletem uma cultura e suas formações ideológicas. O universo das Artes sempre serviu a uma reflexão das condições sociais durante o passar das eras, sendo uma forma de apreciação estética, ética e, por vezes, de crítica social sobre o *status quo* das classes que integram uma sociedade. Além disso, poder desenvolver nos alunos o aprimoramento de técnica de desenhos, por meio das caricaturas, que se apresentam pelo exagero das expressões das personagens. Os conhecimentos artísticos também servem como um importante componente de humor que visa a tecer uma crítica a um comportamento presente no cotidiano, uma visão apurada da conjuntura política.

Um texto não se faz com o conhecimento de uma única disciplina; nos textos os saberes se misturam. Numa proposta de uma educação mais integral, pensando no exercício da cidadania, é necessário trazer para a análise os conhecimentos que o texto selecionado para o trabalho com os alunos exigir.

6 Considerações finais

A semiótica de linha francesa, inicialmente desenvolvida por Greimas, oferece uma série de elementos que contribuem para desvendar a construção de sentidos de um texto. Desse modo, por suas várias óticas de análise possibilita uma percepção mais profunda sobre os diversos elementos presentes em enunciados, levando em consideração as situações comunicativas e as ideologias que promovem a produção textual. Segundo Orlandi:

Nem podemos deixar de lado o político e o ideológico pois o discurso nos mostra justamente como a ideologia e a língua se articulam na produção de os sentidos e dos sujeitos. Além disso, como dissemos, não há possibilidade de haver sentido que não resulta de um confronto do simbólico com o político. Nesse caso, pensarmos o político, discursivamente, como o fato de que os sentidos, em uma sociedade como a nossa, são divididos e dependem das condições de sua produção [...]. Sem deixar de lembrar que a questão ética é uma questão que já vem posta pela maneira mesma como os sentidos (e

os sujeitos) se constituem, portanto, uma questão geral à linguagem, ao saber discursivo e ao modo como esse saber institui uma memória na manutenção de certos sentidos e não outros. Se deixarmos de individualizar a questão da responsabilidade, vemos que ela é uma questão ética e política (ORLANDI, 2007, p.300).

Por esse entendimento, o estudo das charges se mostra um importante meio de desenvolvimento das habilidades e competências dos educandos, já que possibilita a articulação de conhecimentos com temas sociais em pauta, os quais são postos em discurso na charge com estratégias discursivas sincréticas, integrando o verbal e o visual. As charges, por serem altamente críticas, refletem sobre as realidades e as situações políticas e sociais, a cultura e a identidade de uma sociedade.

As análises das charges de Nando Motta, que se basearam em alguns elementos da semiótica discursiva, são exemplos da forma como um trabalho interseccionado por outras áreas de conhecimento serve desenvolver nos educandos sua autonomia e prepará-los para a vida democrática. Observando as estratégias de produção de sentido em textos, como se fez nas charges, os educandos passam a entender melhor como funciona o discurso; lendo e produzindo textos com mais propriedade, passam a ser agentes de transformação das realidades.

A educação em direitos humanos é uma importante ferramenta de liberdade, sendo crítica e voltada para a emancipação dos sujeitos, tornando-os conscientes de suas condições e capacitando-os para a prática da cidadania e da democracia, sendo tais práticas pautadas no exercício da ética e do respeito.

Referências

ASSUNÇÃO, Thiago. “Educação em Direitos Humanos”. *In*: SILVA, Eduardo Faria; GEDIEL, Antônio Peres e TRAUZYNSKI, Silvia Cristina (Orgs.). **Direitos humanos e políticas públicas** Curitiba: Universidade Positivo, 2014. p. 85-98.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: Fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 2001.

_____, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BITTAR, Eduardo C. B. Educação e metodologia para os direitos humanos: cultura democrática, autonomia e ensino jurídico. *In*: SILVA, Eduardo Faria; GEDIEL, Antônio Peres e TRAUZYNSKI, Silvia Cristina (Orgs.). **Direitos humanos e políticas públicas** Curitiba: Universidade Positivo, 2014.p. 67-84.

CANDAU, Vera Maria. Educação em direitos humanos: desafios atuais. Educação em direitos humanos: um discurso. *In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy, et al. Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos.* João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 399-412.

DESENHOSDONANDO. **Sobre ficar em casa.** São Paulo. 4 de janeiro de 2021. *Instagram @desenhosdonando.* Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLPOMRdJDas/>. Acesso em: 20/02/2021.

DESENHOSDONANDO. **Tomara!** São Paulo. 13 de fevereiro de 2021. *Instagram @desenhosdonando.* Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLPOMRdJDas/>. Acesso em: 20/02/2021.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise de discurso.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____, José Luiz. Formações ideológicas e formações discursivas. *In: FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia.* São Paulo: Ática, 2003. p.32-34.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática para a Liberdade.* 12. e.d. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 17. e.d. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. DIONISIO, *In: Gêneros textuais e ensino.* MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria Auxiliadora, (orgs.), São Paulo: Parábola Editorial. 2011.

MARQUES. Elizete Terezinha Lopes. O discurso chárstico: espaço de interpretação. *In: GRANTHAM, M. e CASEIRA, I. Análise do Discurso e Ensino.* Curitiba: CRV, 2011. p. 187-201.

MILLAN, Camila. ‘Quer que desenhe?’ O novo papel das charges e como elas ganharam sobrevida nas redes sociais. *Revista Rolling Stones*, 22 de julho de 2020. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/quer-que-desenhe-o-novo-papel-das-charges-e-como-elas-ganharam-sobrevida-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 28/02/2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Educação em direitos humanos: um discurso. *In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy, et al. Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos.* João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 295-312.

PLATÃO, Francisco e FIORIN, José Luiz. **Lições de texto:** leitura e redação. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

SINGER, Paul. A cidadania para todos. *In*: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **História da cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.p. 191-264.

TEIXEIRA, Lucia; SOUZA, Karla Faria e Silva. Textos multimodais na aula de Língua Portuguesa: metodologia de leitura. Passo Fundo: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, 2014. p. 314-336.

VISCONTI, Patrícia. Nando Motta projeta seus ideais em prol a humanidade e a democracia. **O barquinho cultural**. 4 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://obarquinhocultural.com/2021/02/04/nando-motta-projeta-seus-ideais-em-prol-a-humanidade-e-a-democracia/>. Acesso em: 20/032021.

Cellina Maria Gazzoni Sabino

**EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS COM BASE NA ANÁLISE SEMIÓTICA DE
CHARGES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenadoria
do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em
Letras-Português.

Aprovado em 08 de abril de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Maria Madalena Covre da Silva de Macedo
Instituto Federal do Espírito Santo
Orientadora



Prof. Antônio Donizetti Sgarbi
Instituto Federal do Espírito Santo
Examinador interno



Prof. Michelly Cristina Alves Lopes
Instituto Federal do Espírito Santo
Examinadora interna